

Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Vráaaaa! An agenda of other possible worlds

Neilton dos Reis¹

Jéferson Oliveira Morais²

Resumo: Este ensaio é um exercício de experimentação com (auto)ficção e discussão acerca da história e da agenda política construída por um coletivo de diversidade sexual e de gênero entre os anos de 2014 e 2017, na cidade de Juiz de Fora/MG, e sua relação com o fazer comunidades. O referencial teórico principal é de Glória Anzaldúa, para construir as narrativas (auto)biográficas com suas lacunas próprias; e de Linda Tuhiwai Smith, que inspira o entendimento de agenda e a forma imagética de construída — nesse texto, em formato de leque. Alternando narrativa e reflexão, construindo os dados históricos e dessa agenda, esse texto defende que o coletivo, justamente em função desse formato de organização, conseguiu levar a cabo suas propostas e, por isso, fazer comunidades.

Palavras-chave: Agenda lgbtqia+. (Auto)Ficção. Comunidade.

Abstract: This text is an exercise in experimentation with (auto)fiction and discussion about the history and political agenda constructed by a collective of sexual and gender diversity between the years 2014 and 2017, in the city of Juiz de Fora/MG, and their relationship with community building. The main theoretical framework is that of Glória Anzaldúa, to construct the (auto)biographical narratives with their own gaps; and by Linda Tuhiwai Smith, who inspires the understanding of the agenda and the way it is constructed — in this text, in a fan format. Alternating narrative and reflection, building historical data and this agenda, this text argues that the collective, precisely due to the organizational format, was able to carry out its proposals and, therefore, create communities.

Keywords: lgbtqia+ Agenda. (Auto)Fiction. Community.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1483112079757481>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7511-7698>. E-mail: neilton.dreis@gmail.com.

² Bacharel em Humanidades pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e especialista em Educação em Direitos Humanos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Atualmente, é graduando em Bacharelado em Direito e discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS) pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2531886644487297>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1833-4242>. E-mail: jeferson.m8500@ufob.edu.br.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Introdução

Esse texto se organiza a partir de uma pesquisa que investigou as (im)possibilidades de construção de comunidades lgbtqia+ — a partir de um referencial decolonial de fazer comunidades (Dos Reis, 2022). Como metodologia, adotei uma perspectiva (auto)biográfica trazida por Glória Anzaldúa (2021). Nela, trouxe narrativas ficcionadas, cheias de lacunas propositais, da minha participação nos fazeres comunitários de grupos lgbtqia+.

Um desses fazeres, foi um coletivo universitário de diversidade sexual e de gênero que se organizou entre os anos de 2014 e 2017 na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. Esse coletivo movimentou politicamente o debate sobre gênero e sexualidade na universidade e outras instituições da cidade (como governo, escolas, rua, centros de saúde), construindo uma ideia de agenda lgbtqia+ que guiava suas ações comunitárias. Sempre partíamos dos questionamentos: o que nós promovemos? O quanto nos sentipensarmos como comunidade pode ajudar no nosso fortalecimento? Quais eixos elencamos para a construção de outros mundos possíveis?

O objetivo desse ensaio é, respondendo a essas mesmas perguntas, ficcionar a história do Coletivo em questão. Tal coletivo poderia ser qualquer agrupamento de pessoas interessado e disposto a construir comunitariamente uma agenda de lutas e defesa da vida. Como argumentado em trabalho anterior (Dos Reis, 2022), é a partir da catálise identitária, de atos de re-existência, de promoção da autonomia, de uma ética do comum, de imaginação de outros mundos possíveis e de educação, que podemos compreender a formação de comunidades. Assim, argumenta-se que a história a ser contada é específica, mas também possível de ser ficcionada para tantos outros processos de criação de comunidades. Junto disso — alternando narrativa e discussão —, objetivamos re-apresentar a agenda de luta política lgbtqia+, que significa a criação de um mundo outro (não só para pessoas lgbtqia+, mas para a sociedade, o ambiente, as relações, os possíveis). Se trata de um exercício de (auto)ficção e reflexão. A defesa é que o coletivo, em função desse formato de organização, conseguiu levar a cabo sua agenda e, por isso, fazer comunidades.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

E se a gente fizesse um mapa de noite?

Jogar migalhas de pão no caminho quando ninguém vai enxergar é uma tarefa para tolos. Pedro sabe muito bem disso e por isso prefere concentrar seus esforços naquilo que não é tolice. É o que ele está pensando enquanto veste o relógio, se perfuma e sorri para o espelho. “Bonito”, lembra de um meme e ri sozinho, enquanto tem certeza que está do jeito que gostaria de estar com seus 20 e poucos anos.

Beatriz não concorda quando pensa sobre si mesma. Ela gostaria de ir a alguma festa, também. Ela, então, se imagina colocando algum vestido preto, não muito curto, e alguns colares. Ouviu falar que as boates estão ficando muito cheias ultimamente, mas ela não sabe que vai ter uma festa no German. Se soubesse, talvez tivesse coragem de sair e, enfim, fosse o momento de conhecer mais gente. Enquanto não tem exatamente isso, gosta do que tem: a casa é confortável, o programa da TV traz reportagens que interessam, é bom sentir a gata passando pelas suas pernas.

— Você quer caminhar, gatinha? Amanhã podíamos fazer um piquenique...

Não cairia mal comer alguma coisa. O jogo foi cansativo e a noite está só começando. Amanda teve algumas oportunidades, mas só a Rafa marcou gol. Bom, são um time, ela está feliz de qualquer forma. Se tivessem conseguido parar para comer, seria melhor. Tomar cerveja de estômago vazio vai dar ressaca. A não ser que ela cancelasse... Nem gosta tanto assim desse clima de comemoração, confuso e bêbado. É, se não fosse por Morena, ela cancelava.

Morena que gosta de sair. Tirando hoje. Ela pensa que é Amanda que está animada, mesmo sendo a poção mais estranha. O problema de hoje é que Larissa, a sua ex, estará lá. Desde que Amanda descobriu que elas já namoraram, o clima ficou estranho. Morena insiste que não tem mais nada, só que, às vezes, Larissa não facilita.

Como Amanda não está com muito crédito para recusar sair mais uma vez, tenta parecer mais animada que o normal — mesmo sabendo que provavelmente vai encontrar com quem não quer. Precisa garantir que não se importa, que a vida está boa. Estaria melhor com um lanche antes de entrar no German? Sim. Mas, que mal poderia fazer?



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

É o que Arthur se pergunta ganhando coragem para mandar mensagem para Bernardo. Que mal tem? Eles já ficaram outras vezes, é gostoso, se divertem quando estão juntos. Que mal tem em chamá-lo para essa noite? Ele só quer curtir, dançar um pouco de pop, esquecer das provas de meio de período e ficar com o menino de ombros largos.

Os ombros largos que são mais difíceis de disfarçar quando se escolhe um vestido de alça. É Bernardo quem foi convidado à festa, mas não é ele quem vai comparecer. “Tomara que Arthur não se incomode”. Quem vai é a drag Dolores. Já ia, de qualquer forma. Antes da mensagem fofa do Arthur — “aliás, o que será que ele quis dizer com ‘saudades’?”. Dolores quer sair mais, fazer seu nome na cidade, poder experimentar. Quem sabe abrir o próximo show de alguma artista? E, além do mais, Arthur conheceu Bernardo e Dolores no mesmo dia, de dia. Ok que isso não quer dizer muita coisa. À noite, será a primeira vez.

À noite, as coisas mudam um pouco. Sabemos disso. Os mapas que fazemos durante o dia são, muitas vezes, inúteis depois que as luzes do German acendem.

É um espaço grande, cabe quase todo mundo: as jogadoras, as drags, os meninos que gostam de meninas, as meninas que gostam de meninos, os meninos que gostam de pessoas, as pessoas que não são nem meninos nem meninas. O espaço, cabe. A música, cabe. As bebidas, cabem.

Então, por que quando toca Margareth Menezes e Amanda e Marcela se beijam no balcão, acontece alguma coisa?

— Espera, o que é que está acontecendo ali?

— Arthur, vai procurar a Larissa e Pedro, estão fazendo alguma coisa com as meninas.

O leque da agenda lgbtqia+

Me aproximo da ideia de Enrique Dussel (2007) de que o fazer comunidades é algo político, uma vez que se trata de uma forma que organiza a vida e é para a promoção da



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

vida: “[...] o objetivo de toda atividade [política] humana é poder viver e a esta possibilidade de viver têm o mesmo direito todos aqueles que a natureza trouxe para a vida” (Dussel, 2007, p. 78).

Assim, quando falamos em comunidades lgbtqia+, falamos em grupos preocupados com a promoção da vida — e vida nos termos do Bem Viver (Acosta, 2019). É essa preocupação que atravessou, primordialmente, todas as agendas (de lutas) do coletivo. Agendas, aqui, a partir de Linda Tuhiwai Smith (2018, p. 137): “constituintes de um programa e de um conjunto de abordagens que estão situadas dentro de uma política de descolonização do movimento dos povos indígenas”. A autora fala de povos indígenas em uma pesquisa que se realiza dentro das comunidades, e nós a tomamos como inspiração.

Existem quatro pontos na agenda de Linda Tuhiwai Smith que são “estados e condições do ser, através dos quais os povos indígenas se movem” (Tuhiwai Smith, 2018, p. 138) — são: sobrevivência, recuperação, desenvolvimento e autodeterminação. E mais quatro que dizem de processos que “informam e explicam tensões entre o local, o regional e o nacional” (Tuhiwai Smith, 2018, P. 138) — são: descolonização, transformação, cura, mobilização. Todos esses se conectam e são essenciais para uma agenda que elabore lutas comunitárias (tão históricas quanto cotidianas). Não é intenção repetir todos esses pontos e aplicá-los cegamente às comunidades lgbtqia+, mas perceber como o *fazer comunidade* daquele Coletivo é, também, um fazer que constrói agendas para novos mundos.

Como Linda Tuhiwai Smith também faz, acho sempre bom fazer notar que agendas como essas são extensas, ambiciosas e servem como linhas gerais: uma tentativa de ressaltar algo que perpassa e que pode ser adaptado (ou inventado, de novo, continuamente) por várias comunidades. Por exemplo, algo que poderia ter atravessado com alguma intensidade nossa atuação conjunta no Coletivo. Não homogeneíza, mas ajuda no entendimento de que as pautas se movem em rede.

Em livro organizado por Humberto Alves de Souza, Sérgio Rogério Junqueira & Toni Reis (2020), encontramos ensaios que tratam de saúde, políticas públicas afirmativas, religiões, criminalização da lgbtqia+fobia, relações socioeconômicas e violências para tentar traçar o perfil dessa agenda. É a partir desse livro e das experiências que percebi ao longo dos fazeres comunidades que tivemos no Coletivo, que



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

pretendo trazer os pontos. Não trarei divididos em 4 e 4, como Linda Tuhiwai Smith faz — mas ainda inspirado na sua forma.

Acontece que a autora organiza a sua agenda graficamente em uma metáfora de oceano, onde sobrevivência, recuperação, desenvolvimento e autodeterminação são ondas; e descolonização, transformação, cura e mobilização são pontos geográficos conectados (norte, sul, leste, oeste) pelos quais as ondas passam. O oceano é trazido pela relação dos povos indígenas do pacífico com o mar. Procurando algo parecido a essa forma de criar, me coloco também a imaginar uma agenda que se estruture graficamente e que tenha a ver conosco.

Então, imagine um leque.

Vráaaaaa!

Um leque que é utilizado para fazer vento e refrescar do calor durante uma Parada de Orgulho LGBTQ+. Um leque que é utilizado para fazer barulho em uma manifestação por direitos civis. Um leque que cobre a boca da drag queen enquanto ela faz uma dublagem e esquece a letra da música. Um leque que esconde o rosto enquanto se faz fofoca e dá uma risada. Um leque que pode muitas coisas e, apropriado pela cultura lgbtqia+, ganha aqui, outros contornos. Um leque que é feito de varetas, como aqueles chineses e japoneses. Varetas, conectadas por fios que, em movimento, produzem novos ventos. Fiquemos com essa imagem para nossa metáfora da agenda lgbtqia+, de um mundo outro possível. E vamos desmembrá-la para entender um pouco onde quero chegar.

E se a gente comesse um coletivo?

— Se você não for comer, coloca na minha bandeja.

— É com isso que você tá preocupado, sério?

Como assim? É doce de leite e Arthur sabe que não se desperdiça doce de leite assim! Óbvio que tem outras coisas com que está preocupado. Depois do que aconteceu às meninas, no German, é nítido que precisam fazer alguma coisa. Não podem deixar passar aquilo. Aquela violência não foi só contra a Amanda e a Morena, foi contra todas ali.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Pedro acredita no mesmo, tanto que nem presta muita atenção ao cardápio do dia no bandejão. E se fossem ele e Henrique que tivessem sofrido aquilo? E se eles não tivessem lá para ajudar? É, alguma coisa precisa ser feita.

— Credo, eu consigo ouvir o pensamento de vocês dois! — É o que Bernardo sente quando Arthur e Pedro se sentam. — Vocês precisam relaxar. As coisas já passaram, elas estão bem.

Mas, quando fala, não confia nas próprias palavras que diz. As coisas não passaram e, se não fizerem nada, elas não vão nem diminuir.

Se ao menos já conhecessem Beatriz, saberiam que há algumas formas de fazer e algumas formas de mudar. Por exemplo, hoje ela decidiu que iria, ela mesma, comprar temperos. E, por essa decisão, agora seu feijão está com o tradicional gosto de alho e louro, mas com um toque de curry e açafrão. “E se o feijão ganhar um tom mais amarelo?”, foi o que pensou no mercado quando viu o pacote preto na mão, exatamente em contraste com a pele branca-amarelada. Enquanto tira a pressão da panela, sente o cheiro de cozido e torce para que esteja bom. E, se não estiver, bem... amanhã ela experimenta um tom mais... Avermelhado?

— Vermelho, achei forte amiga! Como você está?

Ela está bem. Não houve agressão física, felizmente. Foi mais a humilhação, Morena acha, e, por isso, não vai se deixar abater: é o principal que pode fazer contra essa porra toda. Vestido vermelho, por que não? Batom vermelho, vamos lá! E Bernardo iria reparar, com certeza. Ela gosta disso, quase tanto quanto o doce de leite.

E, além do mais, foi Amanda que ficou mais abalada. Se já não gostava de sair, agora, pretende frequentar só os lugares que está mais disposta por um bom tempo. O bandejão é um espaço em que se sente segura, por isso está aqui — mesmo sentindo que todo mundo está olhando para ela e Morena. Morena também não ajuda. Para que aquela roupa chamativa? Ela não é bonita o suficiente? Quer mais gente reparando e comentando? Se sente irritadiça, não gosta disso.

Nem disso, nem para onde o papo está indo. Estamos bem, bola para frente. Ponto. Só foram expulsas de uma boate, ela tem certeza de que cada uma ali já passou por coisas piores. Por que estão causando tanta confusão por causa disso?



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Arthur sente que a confusão está em relação ao mundo, não ao que está acontecendo ali. É o que tenta explicar enquanto fala alto e gesticula para as outras pessoas que chegaram para cumprimentar Morena e Amanda. Com o número de pessoas daquela mesa, poderiam organizar alguma coisa, mas, para alguma coisa grande, iriam precisar de muito mais. Onde conseguir tanta gente assim?

— Uai, onde você acha? É só olhar em volta.

Mas ele não consegue entender esse enigma do Pedro. Só Bernardo e Morena parece que já entenderam. Continua olhando em volta e percebe que está quase girando a cabeça em 360º, estilo menina do filme Exorcista.

— Ok, vou tentar explicar: Imagina que essa bandeja é esta Universidade e que cada ingrediente são pessoas. Cada ingrediente que faz cada prato. Os grãos, alho, sal e louro que fazem o feijão cozido. A carne, batata, água e colorau que fazem esse ensopado. A água e a mistura em pó que fazem esse suco de “laranja”. Cada ingrediente diferente, junto, construindo, com seus sabores, cores e texturas, as partes da refeição. Agora, pensa: o que essa mesa poderia ser nesse prato?

— O doce de leite?

— É, poderia ser o doce de leite, mas, mais que isso, poderíamos ser o doce de leite organizado, que chama os outros grupos para ajudar em alguns propósitos. E, pense, onde poderíamos arranjar feijões ou saladas para ajudar?

Varetas

São as varetas que permitem a sustentação. Elas dão direção ao leque e estão geralmente talhadas ou pintadas de muitas formas. Vêm em vários tamanhos, a depender do vento que queremos. Às varetas associamos as demandas de existência: vitalidade, possibilidade, espacialidade, espiritualidade, proteção e celebração. São demandas que perpassam quase todas as pessoas e comunidades do mundo. Mas que, em se tratando de uma agenda lgbtqi+, têm suas singularidades. É disso que pretendo tratar um pouco.

A começar pela *Vitalidade*: a necessidade de que as capacidades de vida estejam plenamente supridas, no campo físico, mas também emocional e psicológico. O



Vrráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

investimento que tivemos imediatamente após a epidemia de HIV/Aids — junto ao aumento de conhecimento médico em outras ISTs — é um exemplo clássico dentro dessa pauta. Mas, também, outras reivindicações: os direitos de utilização de nomes que não os de registro em prontuários; investigações diretamente pautadas em corpos de pessoas trans e travestis; ampliação de atendimentos especializados no Sistema Único de Saúde; entre outros.

Como também faz parte da vitalidade mental e emocional, a questão do suicídio é relevante e tratada no livro sobre perfil da população lgbtqia+ — considerado expressão máxima da ausência dessa vitalidade, resultado de processos complexos e de responsabilidade também social. As autoras dizem que “o que torna o suicídio uma ameaça tão grande para a população LGBTI+ são as variáveis de risco como o preconceito, violência e marginalização, cada um significando um passo a mais na direção da ideação suicida” (Souza, Junqueira & Reis, 2020, p 144). Nesse sentido, vitalidade mental e emocional não podem se resumir enquanto relação de paciente-terapeuta (seja qual terapia for), mas sim, uma ressignificação de como tratamos a vida e a saúde em nossas comunidades (e para fora delas). Vitalidade é o primeiro ponto de uma agenda lgbtqia+: temos vidas, precisamos que as outras pessoas nos percebam enquanto vidas que querem e tem o direito de ser vividas em plenitude física, psicológica e emocional.

Em sentido muito parecido, está o que chamo de *Possibilidade*: a materialidade do quanto é possível gerir sua própria vida e suas comunidades — o que associaríamos, de forma mais prática, à renda. Então, em mundo Moderno que está mediado por relações econômicas capitalistas, como estar inseridas e com possibilidade de acesso a bens materiais (que deveriam e podemos construir para que sejam bens comuns, mas que ainda não são)? Outras buscas estão associadas: como sobreviver sendo pobres em um tempo e espaço que faz necropolítica de extermínio dos mais pobres? Conseguimos operacionalizar outras economias? Conseguimos tempo para pensar em outras economias quando temos que trabalhar para salários miseráveis enquanto tentamos sobreviver?

A pobreza não é exclusividade das populações lgbtqia+, obviamente. O desemprego e a miséria atingem a muitas pela má distribuição de recursos e pela lógica



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

de acumulação que se constrói cotidianamente. Não há registros, no Brasil, que fazem um estudo detido em situações socioeconômicas dessas populações em específico — como um censo. E isso já diz de uma despreocupação estatal conosco e nossas possibilidades de vida. O que se agrava quando pensamos em especificidades de pessoas trans e travestis, por exemplo. Já é bem conhecido por muitas de nós o que a ANTRA traz: “a transfobia, muitas vezes acompanhada do preconceito étnico-racial, estabelece um obstáculo que gera a exclusão dessa população do mercado de trabalho e torna difícil outra fonte de renda [que não a prostituição]” (Souza, Junqueira & Reis, 2020, p. 117). Debates como esse — e relacionados, como o acesso ao Ensino Público, às Universidades, às instituições de cultura — estão no radar lgbtqia+ que tem afinidade com a vida e projeta mudanças. A criação de possibilidades concretas para que a vida possa acontecer nesse mundo e para que inventemos outros.

E, para continuar falando de existência, aproximo outro ponto: a *Proteção*. Um dos principais pontos de reivindicação que aparece na Primeira Conferência Nacional LGBT, em 2008, e que estava presente desde antes. Proteção dos corpos que não se localizam no binário, proteção das práticas sexuais que não as heterossexuais, proteção das formas de sentipensar que não as coloniais, proteção dos jeitos de construir mundos que não o Moderno. O mundo passa por séculos de colonialidade que violenta (e tenta exterminar) essas vidas, sentipensares, ideias, práticas que não agem como prevê a branquitude, a masculinidade, a heterossexualidade, a cisgeneridade, o cristianismo. Os modos são muitos: morte, violência psicológica, humilhação, espancamento, etc. O que faz com que a necessidade de proteção seja encarada por comunidades com urgência.

Os crimes de ódio contra pessoas lgbtqia+ levaram à criação de uma luta contra o que chamamos de lgbtqia+fobia — termo “para indicar esta esfera de violências, hostilidades, ridicularizações e discriminações em virtude da orientação sexual e/ou identidade de gênero” (Souza, Junqueira & Reis, 2020, p. 85). A utilização e popularização desse termo, de novo, não se configura apenas como disputa de nomes, mas como algo que constrói entendimento de que tanto os crimes são motivados exatamente pelo ódio contra identidade/práticas, quanto se intensificam por isso. E a proteção também não é algo individual, é uma demanda da ordem de responsabilidade pública — como a



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

vitalidade, a possibilidade e, em certa esfera, todas as outras que trago aqui. Nesse sentido, algo a ser construído pelas comunidades, mas também por outras redes e vias.

O quarto ponto é o do *Espaço*. Desde muito tempo, dois processos atravessam as populações lgbtqia+ no que tomo como um sentido espacial: a distribuição geográfica dessas comunidades nas cidades, ou seja, o quanto os corpos (comunitários) estão destinados às esquinas, aos guetos, aos espaços de socialização que estão nas margens, à noite; e a construção de certas zonas corporais como sujas, profanas, odiosas — em outras palavras, pensando o corpo como um espaço, há certas partes que ficam proibidas de serem mostradas e exploradas (o cu e a buceta, em especial).

Quanto à cidade, ainda que a escolha pelas margens seja uma forma de fazer política que diz do comunitário, o que é questionado nesse processo é a marginalização compulsória. Ou seja, a não-escolha que se institui. Quando não é uma opção escolher o Centro, não podemos falar que estamos escolhendo a margem — se não que estamos apenas relegadas a ela. Nesse sentido, a demanda é por escolha e por uma relação com o espaço geográfico que seja inventada também por nós.

Quanto ao corpo, o sentido é parecido. O ponto é que se busca aqui um rompimento daquilo que está instituído como normal e anormal na relação com os órgãos e com as práticas. O pênis como centro de poder, a vagina como nojenta, o cu como órgão excretor — e, ao mesmo tempo, tudo isso sendo utilizado como prazer de forma clandestina. O que se propõe é trazer à tona e legitimar como possíveis as práticas que já ocorrem nas madrugadas da prostituição, por exemplo. E isso significa uma ampliação não só para pessoas lgbtqia+ (ainda que sejam as mais afetadas, por sofrerem violências), mas para outras com afinidades de se entender de forma diferente em tudo isso.

O re-sentipensar desse regime de distribuição espacial se torna uma demanda lgbtqia+. Não que o objetivo seja deixar as margens ou a noite. Não necessariamente. Mas o objetivo é traçar rotas que sejam de movimentos fluidos, tanto da amplificação dos corpos, quanto das cidades. Outras demandas se conectam a isso, algumas que já trouxe, mais associadas à proteção e à possibilidade, e outras mais específicas. Por exemplo, mobilidade urbana, direito à moradia (e, de fato, isso é uma questão de muitos anos, visto



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

as pessoas lgbtqia+ expulsas das casas onde moravam), investigação dos próprios prazeres de maneiras não reguladas, etc.

Um pouco associado a isso, está o ponto de *Celebração*. As pessoas lgbtqia+, junto ao processo de marginalização geográfica, colocam em suas agendas uma demanda por momentos e espaços de celebração que não sejam violentados. Está na história do movimento social e de grupos lgbtqia+, a organização em torno de sociabilidades que envolvam isso: festas, rolês, orgias. São movimentações que já acontecem, sim, mas às escondidas, dentro de alguns armários e de forma que, ou medo esteja circulando, ou se tenha a necessidade de enfrentamento a qualquer momento. E isso causa impacto, tanto no ato celebrativo em si, quanto na própria organização comunitária.

Percebo a importância da celebração (festa) como um espaço-tempo de elaboração da realidade, de invenção de um mundo. Então, celebrações não só da alegria, mas também do luto, produzem conhecimento a partir das comunidades sobre si mesmas e o entorno, e isso também promove o seu fortalecimento — bem como da vida dos seus. Celebrar, em uma comunidade de afinidade, é colocar essas afinidades em um espaço-tempo outro, que não necessariamente diz da racionalidade. É uma forma de sentipensar que re-constitui pessoas e grupos, funcionando como forma de criação de outras comunidades a partir das já existentes. Por tudo isso, a agenda da celebração se configura como ponto importante para a vitalidade e a utilização do espaço e do corpo — também se conectando a uma forma de luta, de enfrentamento de necropolítica e de invenção de outros mundos.

Por fim, o último ponto é o da *Espiritualidade*. A experiência da vida em uma dimensão que não esteja encerrada na racionalidade moderna que entra nas agendas lgbtqia+ quando entendemos a pluralidade das formações por afinidade. Existem pessoas lgbtqia+ que não tomam, enquanto necessidade, uma vivência espiritualista, nem as elaborações que isso pode trazer. Entretanto, isso não é regra e não pode ser operacionalizado como se fosse. Há comunidades lgbtqia+ que se constroem no âmbito de uma experiência espiritualista. Quando acontece, essa reivindicação se expressa de forma mais intensa e urgente. É necessário que seja possível que uma pessoa lgbtqia+ se



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

entenda enquanto um ser também espiritual e que tenha a oportunidade de vivenciar esse entendimento sem que isso seja colocado à prova.

À agenda de espiritualidade se insere a discussão (e, por vezes, demanda) da prática religiosa por pessoas lgbtqia+. Sejam práticas em religiões que tradicionalmente excluíram essas pessoas (como a religião católica), sejam aquelas que promovem práticas de acolhida (como algumas religiões de matriz africana), sejam ainda, aquelas que se constroem em torno da ideia de inclusão (religiões evangélicas inclusivas, por exemplo).

“A população LGBTI+ tem sido exposta a tomadas de decisão que podem passar desde a negação de uma cultura e tradição religiosa hereditária e o processo de apropriação e assimilação de uma nova religião e crença” (Souza, Junqueira & Reis, 2020, p. 197). Essa exposição à tomada de decisão nem sempre se dá numa possibilidade de escolha que garanta desejos, mas muitas vezes atravessada por discriminações nesses espaços e a falta de acolhimento. Há ainda a incapacidade que alguns setores religiosos possuem de entender pessoas lgbtqia+ como seres humanos com fé e com necessidades de experiências nesse aspecto da vida.

Esses são os pontos concretos que formam uma agenda lgbtqia+ e que outros tantos podem se conectar. Como contei no início do texto, não é algo fixo, tampouco encerrado. Mas flexível, que vai se adaptando às realidades, aos tempos e aos espaços e que, principalmente, estará sempre em re-construção. De qualquer forma, não para por aí.

E se a gente desse o nosso nome?

De todas aquelas pessoas ali, Beatriz era a única que lembrava o dia que tinha escolhido seu nome.

Nenhuma outra teve essa oportunidade.

Quem escolheu o nome de Arthur foi sua mãe.

De Larissa, uma amiga da família, que virou madrinha.

O de Morena, um autor de um livro.

O de Bernardo, o escrivão que registrou o recém-nascido.

Bernardo tinha escolhido o de Dolores, mas isso não contava, era uma drag.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

O nome mesmo, aquele que a gente grita quando está na rua, só Beatriz se lembrava como foi. Ela gostava do tamanho, era curto, bom de falar. Gostava da forma que as letras eram escritas no papel verde, gostava como combinava com o restante do nome, e, principalmente, gostava da forma que B unia seus lábios e a forma como o A, no meio, os separava. Parecia um grito no meio de uma música antiga, daquelas que tocavam na abertura de novelas.

— O meu nome deve ser Beatriz.

Não um palpite.

Foi um proclame.

Enquanto anda naquela tarde em direção à Universidade, está se lembrando disso. Daquele dia em que sentiu isso pela primeira vez e de quando teve a coragem de dizer. Lembra do olhar estranho e do olhar doce. Lembra do grupo que olhou animado. Lembra dos outros que nem olharam. Caminha e lembra.

Arthur se lembrou que o bolo estava quase pronto. Vão ter que vender todas as fatias se quiserem financiar a próxima ação do coletivo. A última consumiu todo o caixa de poucos reais que tinham juntado com a rifa.

Pedro recordava que deveria participar, estrategicamente, daquela reunião com a reitoria. As participantes iriam decidir pelos usos de nomes sociais no campus e aquilo poderia significar muita coisa para muita gente. Talvez não para ele pessoalmente, mas para a menina que se achegou ao coletivo e gostava de caminhadas, piqueniques e feijões, sim.

Bernardo pensava que nunca precisou reclamar para que o chamassem pelo seu próprio nome. Tinha cara de Bernardo, como Dolores tinha cara de Dolores. Morena tinha cara de Morena e também nunca precisou fazer um proclame, mesmo todo mundo achando que o nome é um apelido.

— É Morena mesmo.

Como é Beatriz mesmo.

Ela fala isso para as pessoas da Universidade, que estão ali, ouvir. Seu nome em suas mãos, bolo nas mãos de Arthur, aplausos nas mãos de Bernardo, apertos nas mãos



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

de Pedro, mãos de Amanda nas mãos de Morena, punhos cerrados nas mãos de Larissa, luta em todas as mãos.

Cada uma ali, com suas lembranças antigas, construindo lembranças de um futuro próximo. Querem entrar para a história, e vão. Se não da Universidade, ao menos, das suas próprias vidas.

Fios

Seguindo a metáfora do leque. Pensando em vitalidade, possibilidade, espacialidade, espiritualidade, proteção e celebração como as varetas que dão rigidez e armação, há outros elementos que atravessam todas essas varetas e garantem conexão e movimento entre elas. É o que vou chamar de fios.

Os fios passam pelas varetas, as amarram, permitem o abrir e fechar e articulam o leque. Eles tencionam as varetas a se organizarem em movimentos e posições próprias de um leque. Nessa metáfora, serão então as preocupações, os cuidados, as dinâmicas que tornam as demandas algo da ordem do comum às comunidades lgbtqia+. Se as demandas-varetas estão presentes em vários grupos e comunidades, é a associação com os fios-dinâmicas que darão o tom de uma agenda lgbtqia+.

São nossos fios: autonomia, subversão, alianças e gozo.

Em comunidades lgbtqia+ que buscam suprir essas demandas que tratamos há pouco, é preciso que se construa processos de *Autonomia*. Não é sendo sempre tuteladas pelo Estado — com financiamentos dele ou de iniciativas privadas — que conseguiremos produzir outros mundos. Como já bem é sabido, podemos trabalhar com negociações em um mundo organizado por Instituições (como a escola, a religião, a Medicina, o sistema jurídico, etc.). Assim, para trazermos à tona as demandas de possibilidade ou de proteção, por exemplo, é interessante mantermos os pés no chão para podermos utilizar diferentes estratégias.

Entretanto, essas demandas precisam estar articuladas para que se construam práticas que, enquanto comunidades, sejam elaborações próprias. Ou seja, que se promovam proteções, rendas, educações e curas desde dentro. O que dá o tom dessa articulação é a autonomia. A autonomia, como forma de conhecer e operar o mundo a



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

partir da descolonização, vai modificar a forma como se conhece e se opera com as demandas. Então, o que é para a colonialidade, a espiritualidade, a espacialidade e a celebração, por exemplo, num processo autônomo comunitário, ganha outros sentidos.

Como explica Arturo Escobar, a autonomia “refere-se a criar as condições que permitem a mudança de normas desde dentro ou a capacidade de mudar tradições. Pode implicar a defesa de algumas práticas, a transformação de outras e a verdadeira invenção de novas práticas” (Escobar, 2016, p. 197). Tensionar as demandas desde uma perspectiva autônoma sugere, assim, um processo de invenção. E, se esse mundo já não comporta as comunidades lgbtqia+, que opções melhores temos a de que inventar outros a partir dos nossos quereres e das nossas formas de entender esses quereres?

Bastante aliado a isso, está um outro fio que é o da *Subversão*. Aqui, eu me inspiro de novo em Renata Lima Aspis (2012), que propõe que a criação de jeitos próprios de ler e se relacionar com o mundo são formas de criar sub-versões desse mundo. “[...] sub-versões afirmativas, afirmativas da vida, criações de resistência como re-existências, insistir em re-existir, reincidir no vivo” (Lima Aspis, 2012, p. 72). Entendemos que essas sub-versões criadas podem articular desejos, projetos, demandas de uma forma específica. Sem medo, de forma errante. Não há roteiro pré-definido, há experimentação e aquilo que se produz com isso.

Quando penso nas varetas-demandas do nosso leque, percebo que não há também uma forma pré-determinada de cumpri-las. É uma agenda, sim, mas com aberturas às formas de criar. A subversão me traz isso, em um primeiro momento. E, logo depois, me insere num outro sentido: o de subverter mesmo. Aquele ligado à perversão moral e à destruição de ideias cristalizadas. Essa subversão, da qual pessoas lgbtqia+ são acusadas há tanto tempo, entendo como possível articuladora para operacionalizar demandas — e, junto disso, questionar e ressignificar o que entendemos como demandas em si mesmas.

Espiritualidade pode ser subvertida em orgias. Celebração pode ser subvertida em Proteção. Vitalidade pode ser subvertida em formas não-tradicionais de cuidado. Espaço pode ser subvertido em outros modos de se entender e se locomover entre o público e o privado. As subversões nos ajudam nas demandas questionando a moralidade que as



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

regram e, assim, podendo criar mundos que não estejam necessariamente atravessados por elas.

O terceiro fio que entrelaço é o das *Alianças*. Alianças, tanto como forma de articular demandas entre si, quanto de oportunizar a rede entre comunidades para que as demandas sejam cumpridas. Essa articulação de demandas entre si, numa agenda, é um movimento esperado no sentido da descolonização, uma vez que a vida não está segmentada em contornos tão bem definidos. Celebração e Vitalidade se confundem, ainda mais quando demandamos Espiritualidade. Proteção também se mistura à relação com Espaço, com a Vitalidade e com a Possibilidade de acesso. Construir agenda é apenas reconhecer frentes, mas sabendo que a luta não se constrói de forma separada. As alianças se colocam no processo para fortalecer esse entendimento.

E também, como disse, para que as redes de comunidades se criem. Demanda de Proteção e Vitalidade não são demandas exclusivamente lgbtqia+, ainda que, como sinalizei, tenham especificidades. Mas, a luta pela manutenção e ampliação de um Sistema Único de Saúde no Brasil, por exemplo, pode atravessar muitas comunidades e essas se fortalecerem entre si — sem abandonar suas especificidades. Quando as agendas lgbtqia+ se cruzam com agendas feministas e/ou étnico-raciais e/ou por direito à terra ou à moradia, esse fio de alianças une tanto varetas quanto estratégias de luta e pessoas.

Por fim, como último fio, coloco o *Gozo*. Algo que articula as demandas e faz com que a dinâmica de operá-las não aconteça de uma forma triste, melancólica ou que se referencie à morte. Não! As demandas são construídas a partir de faltas, sim, mas significam projeções de mudança. São aquilo que comunidades buscam, constroem, lutam. E esse processo tem de ser feito com prazer. É gozando — na vida, nas celebrações, nos espaços, nos sexos — que se pode movimentar as varetas num abrir e fechar e abrir e fechar e abrir e fechar que seja prazeroso para as pessoas e comunidades. O prazer pode se colocar como dinâmica, como forma de operar. Para além disso, pessoas lgbtqia+ têm sido frequentemente associadas aos prazeres sujos, pecaminosos e criminosos. O gozo pode ser o assumir dessa marginalização, zombando da negação de alguns prazeres que foi construída ao longo dos tempos.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Esses quatro fios — autonomia, subversão, aliança e gozo — não só ligam as varetas-demandas em um leque-agenda e lhe dão articulação, eles também se cruzam e garantem processos de invenção de outras formas de agir. Inventar formas de inventar.

E se a gente terminasse?

Iza conheceu o coletivo em uma aula de Introdução à Fotografia.

Rômulo conheceu em um ônibus para Santos Dumont.

Caio, no grupo de pesquisa sobre Educação e Diversidade.

Cris, enquanto conversava sobre hormônios e supletivos.

Pâmela, durante sua pesquisa.

Eu, quando fui morar em Juiz de Fora pela primeira vez.

Amanda nunca terminou seu curso de graduação.

Henrique terminou o curso e com outros dois namoros.

Pedro e Arthur, as cervejas que compraram no mercado.

Larissa, com a briga que a família arranhou com a nova namorada.

Morena, com aquele jogo que já estava cansativo.

Beatriz, com um momento de solidão.

Todas aprenderam que conhecer e terminar são movimentos que se acompanham. Conhecer para terminar. Terminar para conhecer. Um doce de leite não dura para sempre. Terças de saia ou saraus em prol da diversidade, também não.

Quando leu *As Crônicas de Nárnia*, pela primeira vez, Caio ficou particularmente muito impressionado com a descrição do fim daquele mundo, que era da Feiticeira Branca, Charn, o nome. Está no primeiro livro, *O sobrinho do Mago*. Seu fim foi escuro, pelo que ele se lembra, com um grande sol vermelho iluminando todo um universo.

Quando Caio entendeu que aquele estava sendo o término do coletivo, pensou ter visto um sol vermelho se pôr por detrás do prédio da reitoria. Era um sol, aquilo? Ou apenas... pitangas?

Beatriz e Arthur entenderam, no mesmo momento, mesmo sem terem visto nenhum clarão vermelho.

Pâmela demorou um pouco mais, mas nem tanto.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

A ausência de gentes poderia não significar muita coisa.

A ausência de conexão, sim.

O que tinha acontecido, mesmo, com aquele almoço no bandejão? Para onde tinham ido Henrique e Morena? Em qual mundo tinham se perdido? Por que não chegaram todas juntas à mesma Nárnia?

Algumas perguntas não podem ser respondidas. Outras, têm muitas respostas.

Caio se lembra de outro momento, no mesmo livro de *As Crônicas de Nárnia*: a criação daquele mundo. Enquanto Nárnia era inventada, tudo naquele solo fazia brotar. O pedaço de lampião que a feiticeira rouba da Terra e deixa cair na floresta de Nárnia, brota. Nasce como pé de pitanga em quintal de infância.

Ele acha que o lendário dia no bandejão se parecia com aquilo. E cada pessoa que conheceu também deve achar o mesmo. Se não aquele dia, ao menos a sua própria invenção. Imaginar para inventar e conhecer. E, depois, terminar.

“Terminar?”, eram o que todas estavam se perguntando enquanto o grande sol de pitanga se punha pela última vez iluminando o gramado, “não, não há o que terminar por aqui”.

“O que mais podemos conhecer de nós mesmas?”

Considerações Finais: A mão que pega, o movimento que faz

O leque é manuseado.

Uma mão o pega e o faz movimentar.

Vráaaaaa!

Um barulho.

Ou várias mãos.

Muitos ventos.

Grupos, movimentos, populações inteiras podem pegar um leque-agenda.

O que venho defender é que a forma de lidar com essas demandas e essas dinâmicas só é assim porque se configura em coletivo com objetivo de fazer comunidades lgbtqi+. A forma que se pega no leque, a forma que se faz agendas é a forma que se faz comunidades coletivamente.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Em outras palavras, fazer comunidades lgbtqia+ em coletivos nos coloca em um processo de entender essa agenda como uma invenção de outros mundos. O leque cria! Não são apenas objetivos pontuais aos que conquistaremos em algum momento datado e daí pararemos de operar as dinâmicas. Não. Construir e promover agendas é construir e promover outros mundos. São formas de sentipensar o mundo para que não nos falte a vida — e formas de operar a vida para que ela aconteça em plenitude.

Fazer comunidades num coletivo é pegar no leque para que ele se movimente em muitas direções. A vida acontece em muitas direções e todas elas devem ser ampliadas. Falar em comunidades lgbtqia+ para que possamos fazer essas ampliações não só teoricamente e não só quando estamos em instituições, mas nos cotidianos e nos modos de entender o mundo. Falar em grupos ou populações é insuficiente quando queremos mais que pontos cumpridos em uma lista de uma cartilha.

Comunidades que operem na sensibilidade lidam com as agendas de forma não exclusivamente racional. Essas agendas vêm do corpo, do sentipensar, do cu, do desejo. A necessidade de que elas aconteçam está na ordem sensível e não apenas do racional. Então, é falar em comunidades lgbtqia+ para que essa sensibilidade seja o que alimenta as agendas, seja o que dê força ao leque. “Qualquer” Estado pode fazer políticas públicas para populações lgbtqia+, se tiver o mínimo de responsabilidade civil. Mas, o Estado não dá conta de fazer políticas como coletivos, porque eles buscam a autonomia, eles operam nessa sensibilidade que, nem sempre, é entendível.

Falar em comunidades lgbtqia+ para que as agendas não fiquem resumidas a processos de Conferências — ainda que esses sejam muito importantes, mas insuficientes. Falar em comunidades lgbtqia+ para que as agendas possam subverter a si mesmas e à colonialidade.

Mas, tem mais uma coisa.

É que, além do movimento de abrir e fechar que os fios provocam nas varetas, há o movimento principal do leque: o ventanear. Criar vento. Movimentar ares. Agitar aquilo que estava parado. Refrescar.

Ou ainda: lutar. Leque que pode ser usado como arma, que é extensão de corpos.



Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis

Neilton dos Reis, Jéferson Oliveira Moraes

Leques não se movem sozinhos. Os movimentos não estão dados por formas sobrenaturais. É preciso uma mão, um braço, um tronco, um cu, uma perna, um chão que o movimento, que o desloque para produzir ar em movimento.

Ventanear é aquilo que podemos fazer com as agendas.

Referências

Acosta, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

Anzaldúa, Glória. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha, 2021.

Dos Reis, Neilton. **Máquina de fazer comunidades (LGBTQIA+) e outras bioengenharias-filosóficas**. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2022

Dussel, Enrique. **20 Teses de Política**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

Escobar, Arturo. **Autonomía y diseño**: la realización de lo comunal. Cauca: Editorial Universidad del Cauca, 2016.

Lima Aspis, Renata. Ensino de filosofia e resistência e sub-versões. **Revista Polyphonia**, v. 23, p. 63-77, 2012.

Souza, Humberto Da Cunha Alves De; Junqueira, Sérgio Rogério Azevedo & Reis, Toni. **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2020.

Tuhiwai Smith, Linda. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

Data de recebimento: 12/05/2025

Data de aceite: 08/09/2025

Como citar de acordo com a ABNT:

REIS, Neilton dos; MORAIS, Jéferson Oliveira. Vráaaaa! Uma agenda de outros mundos possíveis. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 02, p. 143-163, jul.-dez. 2025. DOI: 10.14244./2238-3069.2025/33.